

Gruta do Morgado Superior. Um Estudo de Caso Funerário no Alto Ribatejo (Tomar, Portugal)

Gruta do Morgado Superior. A funerary case study in Alto Ribatejo (Tomar, Portugal)

Ana Cruz

Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo do Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra.

Ana Graça

Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo do Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Luiz Oosterbeek

Instituto Politécnico de Tomar, Instituto da Terra e Memória, Grupo do Quaternário e Pré-História do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Fátima Almeida

Centro de Administração e Políticas Públicas (CAPP) do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar

Davide Delfino

Instituto Terra e Memória; Grupo “Quaternário e Pré-História” do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra

Fecha de recepción: 03.01.2013

Fecha de aceptación: 24.04.2013

RESUMEN

Las cuevas, en el Karst, en el municipio de Tomar (Santarém, Portugal) han proporcionado estratigrafías y depósitos votivos comprendidos en el período Holoceno, más precisamente en un rango de tiempo diacrónico que se extiende desde el Neolítico Antiguo cardial a finales de la Edad del Bronce.

Como lugares funerarios muestran el dinamismo de los pueblos indígenas para absorber nuevas tecnologías que tenía a su disposición sobre la base de un fondo común que se extiende por lo menos a la Extremadura portuguesa y encontrarán similitudes tipológicas, en términos de puntas de flecha, con un monumento megalítico implantado en el Macizo Hespérico, en la cuenca hidrográfica

del río Zêzere a unos treinta kilómetros al sur de las cuevas y dos kilómetros al norte de la zona donde desemboca el Nabão en Zêzere.

El caso que presentamos – la Gruta do Morgado – se integra en un contexto más amplio de otras cuevas cercanas y el problema de la neolitización y su consolidación y el surgimiento de los hallazgos metalúrgicos en la región.

El propósito que guió el estudio de los hallazgos exhumados en estratigrafía está directamente vinculado a la importancia de la comprensión de cómo las comunidades del Holoceno se dispersan en el espacio geográfico, teniendo como su las expresiones geomorfológicas ya existentes, lo que le otorga un significado simbólico relacionado con la muerte. En el valle de Nabão, más específicamente en Canteirões, es la muerte que aparentemente se presenta como un factor determinante, aunque podemos inferir, a través de los hallazgos, una forma de vida que ahora está directamente vinculada a lo sistema agro-pastoral.

Que importe de este sistema fue asimilado en realidad es una cuestión todavía abierta.

Desde el punto de vista de los resultados, aunque preliminares, y sin fechas por radiocarbono, la industria lítica y ósea exhumadas nos hacen pensar que los ajuares depositados demuestran un impacto directo en todas las cavidades locales y más allá del plano de la ubicación geográfica. Podemos, así, inducir relaciones comerciales, en la Extremadura portuguesa, y al nivel Peninsular. En la lectura topográfica, fue posible identificar dos áreas de deposición fúnebre. Una primera zona, denominada “zona de sepulcro 1” delimitada por las paredes de una sala en el interior de la cavidad. En “zona de sepulcro 2”, revelado por un nicho entre la pared de la cavidad y los grandes bloques caídos del techo, en la entrada de la cavidad.

El método de excavación utilizado revisa el método de área abierta – *open area* – como ha sido defendida por Philippe Barker.

PALABRAS CLAVE: Cueva Kárstica, Ajuar, Estratigrafía, Agro-pastoreo, Fosa

RESUMO

As cavidades cársicas localizadas no concelho de Tomar (Santarém, Portugal) providenciaram estratigrafias e depósitos votivos que se enquadram no período Holocénico, mais precisamente, numa faixa de tempo diacrónica que se estende desde o Neolítico Antigo cardial até ao final da Idade do Bronze.

Enquanto lugares funerários demonstram o dinamismo das populações autóctones em absorver as novas tecnologias que se apresentaram ao seu dispor, baseadas num fundo comum que se estende, pelo menos, pela Extremadura portuguesa e que vai encontrar semelhanças tipológicas, ao nível das pontas de seta, com um monumento megalítico implantado no Maciço Hespérico, na bacia hidrográfica do rio Zêzere, a Sul destas grutas e do qual o rio Nabão é afluente.

O caso que agora apresentamos – A Gruta do Morgado – é integrado num contexto alargado às outras grutas suas vizinhas e ao próprio problema do impacto da neolitização e conseqüente consolidação do processo-agropastoril, bem como, o surgimento de vestígios metalúrgicos na região.

O propósito que norteou o estudo dos achados exumados em estratigrafia prende-se directamente com a importância de se compreender a forma como as comunidades holocénicas se dispersaram no espaço geográfico, tomando como suas as expressões geomorfológicas previamente existentes, dando-lhe assim um significado simbólico relacionado com a morte. No vale do Nabão, mais especificamente nos Canteirões, é a morte que nos surge aparentemente como determinante, muito embora possamos inferir, através dos achados, uma forma de vida que está já directamente ligada ao sistema agro-pastoril.

Quanto desse sistema foi de facto assimilado é uma questão ainda em aberto.

Do ponto de vista dos resultados, ainda preliminares, e, muito embora não tenhamos ainda obtido datações radiocarbónicas, a indústria óssea e a indústria lítica exumadas fazem-nos pensar que os bens votivos depositados demonstram repercussões directas no conjunto das cavidades dos Canteirões do Nabão e transcendem o plano geográfico local. Podemos, pois, induzir relações de trocas de bens, quer relativamente à Extremadura portuguesa, quer ainda relativamente ao âmbito Peninsular.

No plano topográfico, foi possível identificar duas áreas de deposição funerária. A primeira área, denominada “zona sepulcral 1” encontra-se delimitada pelas paredes no interior de uma pequena sala.

A “zona sepulcral 2”, revelada por um nicho apertado entre a parede da cavidade e os grandes blocos de abatimento do tecto, mas já numa zona que corresponde à entrada da cavidade.

A metodologia de escavação utilizada revê-se no método de ‘*open area*’ tal como foi preconizado por Philippe Barker.

PALAVRAS-CHAVE: Cavidade Cársica, Espólio, Estratigrafia, Agro-Pastoralismo, Fossa

ABSTRACT:

The karst cavities located in the municipality of Tomar (Santarém, Portugal) have provided stratigraphy and votive deposits falling within the Holocene period, more precisely in a diachronic time range that extends from the Early Neolithic cardial by the end of the Bronze Age.

These are representative of the first attempts at domestication of the landscape and its consolidation, revealing this new way of life: the agro-pastoralism.

Funeral places demonstrate the dynamism of indigenous peoples in absorbing new technologies that were available to them based on a common background that spans the entire Portuguese Estremadura and “extra-regional interaction is patent in exchange for goods networks that extend at least until the Portuguese Estremadura.”

The case we are presenting – the Gruta do Morgado – is integrated in a broader context with neighboring caves and to the problem itself of Neolithization in Portugal.

The method of excavation used revises the method of “open area” as has been advocated by Philippe Barker.

KEY WORDS: Karstic cavity, Assets, Stratigraphy, Agro-Pastoralism, Neolithization

Nota Prévia

O artigo apresenta um estudo de caso funerário (Gruta do Morgado) baseado no contexto regional do vale do Nabão (concelho de Tomar, Portugal), sendo ainda enquadrado nos modelos teóricos propostos para a região do Alto Ribatejo.

Expõe-se o contexto regional do ponto de vista da realidade arqueográfica das cavidades escavadas no século XX e da sua perspectiva contemporânea no território português. Apresentamos os trabalhos efectuados, isto é, a sua localização, objectivos e estratégia de intervenção, metodologia, estratigrafia registada e os achados identificados, e ainda uma discussão dos mesmos inseridos no contexto da neolitização, implantação do agro-pastoralismo e transição para as sociedades metalúrgicas do Alto Ribatejo.

1. Enquadramento

A antiga província do Ribatejo corresponde em larga medida ao actual distrito de Santarém (vd. figura 1).

Enquanto na fronteira das antigas províncias da Beira Litoral e da Estremadura é possível observar limites geográficos serranos, bem delimitados, Serra de Aire e Candeeiros, Serra de Montejunto, Serra de Ansião, Serra Vermelha, Serra de Alvéolos e Serra do Moradal, para Sul o limite que separa o Ribatejo do Alto Alentejo - Santarém e Almeirim corresponde a uma contiguidade entre a planície ribatejana e a planície alentejana.

O Ribatejo foi formalmente instituído pela reforma administrativa de 1936 e, muito embora tenha sido extinto em 1976, mantém-se ainda hoje viva enquanto designação geográfica.

Desde 2002 e até à actualidade esta região integra-se na região de Lisboa e Vale do Tejo, enquadrada na NUT III, correspondendo em grande medida à sub-região do Médio Tejo (<http://www.tecnet.pt/portugal/28779.html>. Consultado em 12.01.2008).

2. A Definição de Alto Ribatejo

Partindo do princípio que a região do Alto Ribatejo (vd. Figura 1) não se constitui por si própria como uma unidade geomorfológica uniforme e homogénea, Oosterbeek observa as distinções fundamentais da implantação dos sítios-paradigma na paisagem e no seu respectivo substrato, e procede à seguinte definição: Para definir a região de investigação usei o critério de estabilidade das variáveis através do Holocénico estabelecendo o foco nas unidades geomorfológicas, mas excluindo solos, bioma e variáveis climáticas (Oosterbeek, 1994: 78).

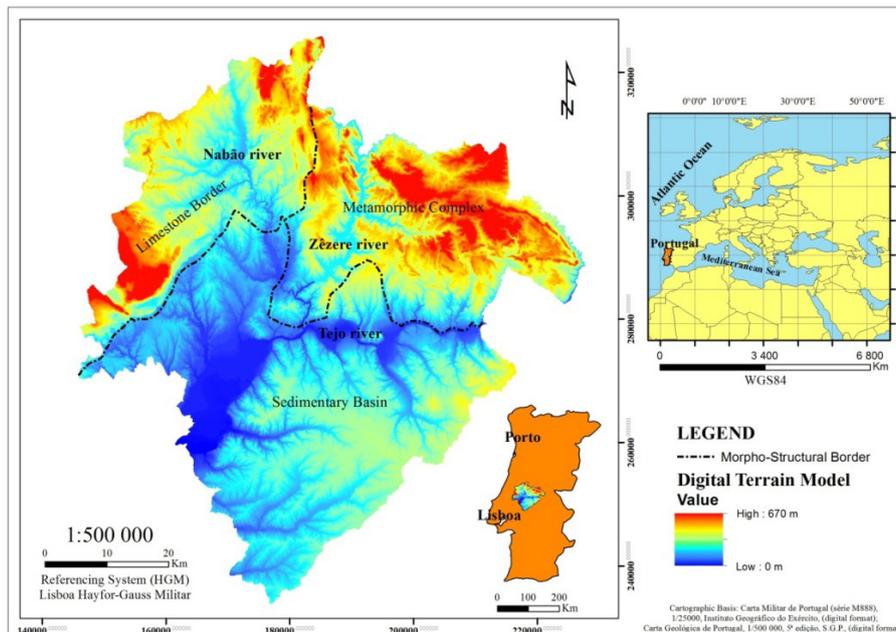


Figura 1: Alto Ribatejo. Fonte: João Belo, 2011 (cortesia de Nelson Almeida, 2012)

Oosterbeek torna-se ainda mais preciso quando comenta: A própria região não tem fronteiras precisas, apenas um eixo gravitacional. Esse é considerado ser o vale do Médio-Baixo Tejo e os seus tributários (Zêzere, Nabão, Almonda). Também não é uma região não homogénea; pelo contrário, é basicamente o cruzamento da franja Meso-Cenozóica ocidental com a bacia Miocénica do Tejo e a zona Centro-Ibérica do Maciço Antigo. Uma primeira aproximação à distribuição dos sítios indica alguma correlação com as unidades mencionadas (idem: 79).

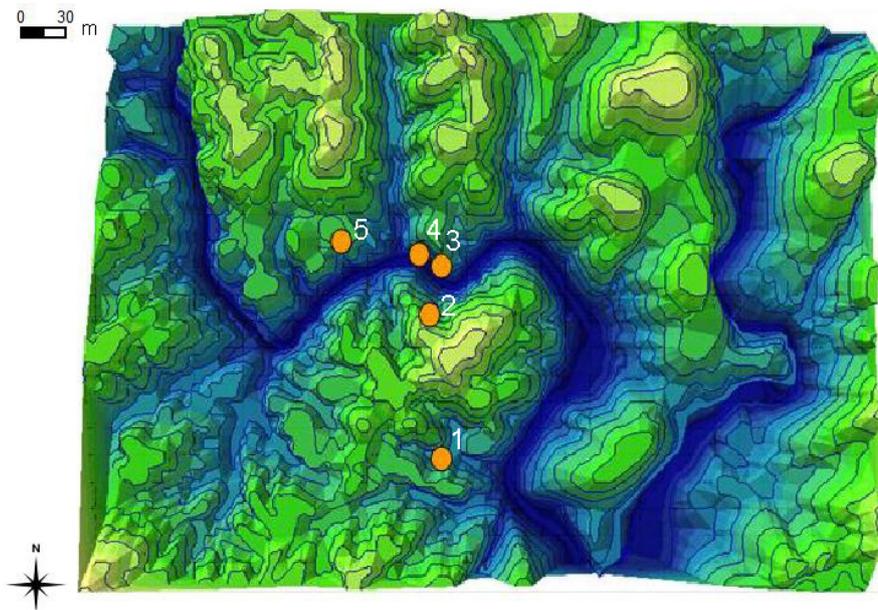


Figura 2: Localização das Cavidades Cársticas dos Canteirões. 1. Gruta do Caldeirão; 2. Gruta do Cadaval; 3. Gruta dos Ossos; 4. Gruta de N.^a Sr.^a das Lapas; Gruta do Morgado. Fonte: CPH

A ocupação humana no núcleo das grutas-necrópole dos Canteirões do Nabão (vd. Figura 2), no Alto Ribatejo, enquadra-se entre o VI e o II milénio, e consta da Gruta do Caldeirão (1), da Gruta do Cadaval (2), da Gruta dos Ossos (3), da Gruta de N.^a Sr.^a das Lapas (4) e da Gruta do Morgado (5).

A Gruta de N.^a Sr.^a das Lapas está localizada na margem esquerda do rio Nabão, a Este da Gruta dos Ossos e é uma pequena cavidade orientada *grosso modo* a Nordeste – Sudoeste, com entrada virada a Sudeste. A Gruta do Morgado localiza-se a Oeste desta, após a ribeira do Fetal, com uma entrada ampla orientada a Nordeste – Sudoeste. Na margem direita do Nabão, sensivelmente a Sul da Gruta dos Ossos, temos a Gruta do Cadaval cuja entrada se orienta a Este – Oeste. A Sul desta cavidade encontramos a Gruta do Caldeirão numa zona topograficamente mais elevada, apresenta uma entrada baixa com corredor no fim do qual se abre uma sala em forma de saco.

3. Gruta do Morgado

3.1. Localização

A Gruta do Morgado é uma cavidade cárstica localizada nos Canteirões do Nabão distando cerca de 10 km de Tomar. Foi detectada nos anos 80 do século XX, aquando da escavação em área da Gruta dos Ossos.

Esta cavidade cárstica aberta numa formação do Jurássico, localizada muito perto da Ribeira do Fetal, faz parte de um conjunto de outras já mencionadas, que se localizam num meandro extremamente acentuado do rio Nabão. Todas estas cavidades possuem ocupação humana em termos de tumulação que cronologicamente se situam entre o Neolítico Antigo Cardial e a Idade do Bronze Médio. Possui uma pequena sala na zona mais fechada da cavidade e uma outra, muito mais ampla, na sua zona de entrada (vd. Figuras 3 e 4).

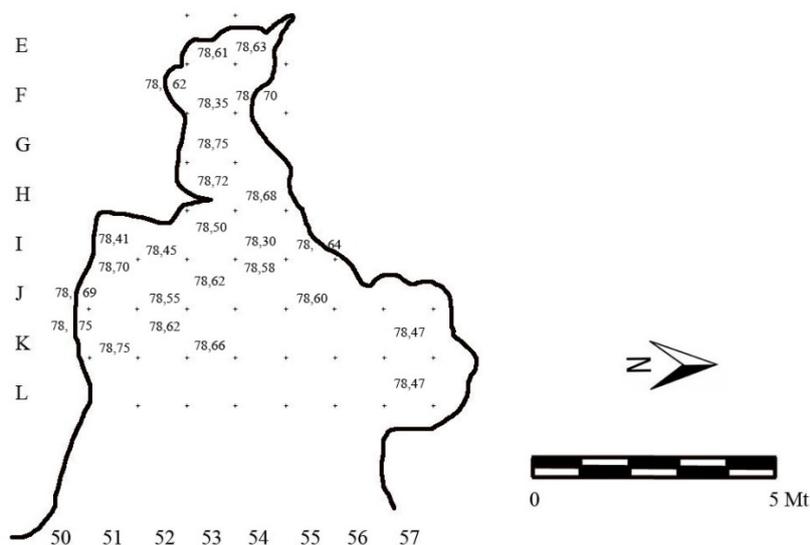


Figura 3: Planta da Gruta do Morgado. Fonte: CPH

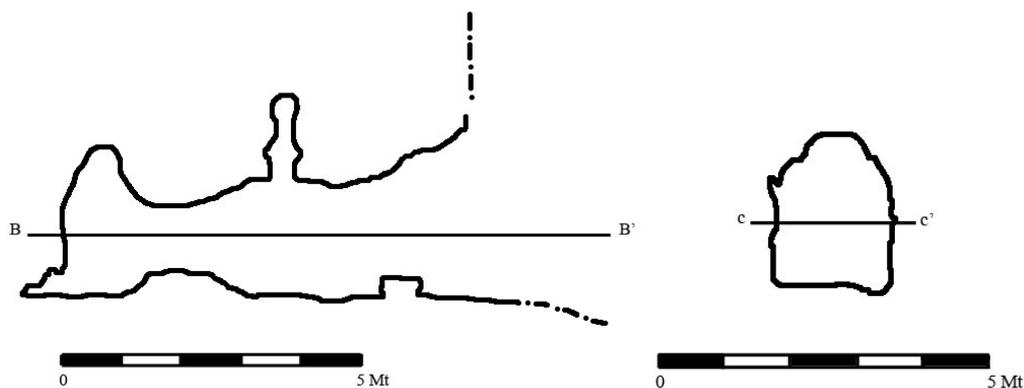


Figura 4: Perfis da Gruta do Morgado, B-B' perfil transversal, C-C' perfil longitudinal. Fonte: CPH

A intervenção arqueológica deste sítio foi iniciada em 1988 através de uma sondagem para identificação sumária dos contextos, deixando-se por escavar uma larga parcela como corte testemunho. Em 2012 (vd. Figura 5), a escavação em área compreendeu 11 metros quadrados a partir dos quais foi possível detectar dois conjuntos de tumulações separados por cerca de 3 metros de distância. Um grupo 1 abrangendo os quadrados F53, E53, F52 e F54 de tumulações colectivas e um segundo grupo, o 2, também ele de tumulações colectivas, abrangendo os quadrados J50, J51 e K51.

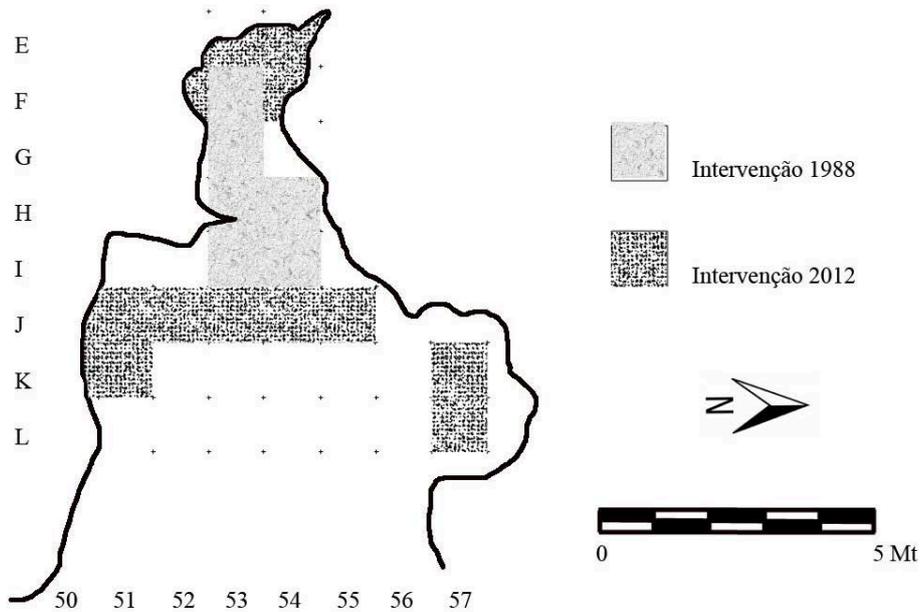


Figura 5: Planta e Definição das áreas sepulcrais da Gruta do Morgado. Fonte: CPH

3.2. Objectivos e Estratégia de Intervenção

O objectivo principal que norteou esta intervenção relacionou-se basicamente com o aviso de violação que a cavidade tinha sofrido. Não podemos calcular quando é que tal aconteceu, podemos apenas referir que o alerta foi dado por elementos do grupo de espeleologia GPS que, por sua vez, informaram as técnicas da extensão de Torres Novas do organismo tutelar, no ano de 2012. Realizada a visita em conjunto decidimo-nos pela intervenção da área que surgia como remexida, onde se detectou à superfície materiais osteológicos humanos e fragmentos de cerâmica manual. Tratou-se, portanto, inicialmente, de reparar quaisquer problemas através da escavação da área compreendida pelos quadrados J50, J51, K50 e K51 que correspondem à “zona sepulcral 2”. Foram ainda abertos os quadrados J52, J53, J54, J55, K57, L57 onde procurámos observar se a profundidade dos sedimentos se assemelhava à “fossa sepulcral 2”. Veio a verificar-se a existência de uma potência estratigráfica mínima, que nalguns casos não atingia os 5 cm, e que revestia uma zona de abatimento de blocos de calcário. Escavámos ainda os quadrados E52, F52, E53, E54 e F54 que correspondem à “zona sepulcral 1”. A continuidade da escavação na área considerada como “fossa sepulcral 2” denunciou uma potência estratigráfica maior do que seria de esperar e obriga, em termos futuros, à abertura dos quadrados que lhe estão contíguos: I51, I52, J52, K52 e L52.

3.3. Metodologia

A quadriculagem foi orientada pelo Norte magnético da bússola e obedeceu ao seguinte critério: a) eixo Norte-Sul correspondendo ao eixo Y; b) eixo Este-Oeste correspondendo ao eixo X; foi ainda fixado um ponto 0 a partir do qual se obtiveram os valores em profundidade. De assinalar que nos limitámos a passar fio elástico novo, e a alargar as novas quadrículas, uma vez que a quadriculagem de 1988 ainda se encontrava perceptível.

A decapagem dos sedimentos foi realizada por níveis artificiais de 2 centímetros, sendo os sedimentos crivados em malha fina de 2 milímetros. Foi necessário diminuir a profundidade dos níveis artificiais uma vez que o espólio osteológico humano presente

em grande quantidade se encontrava num espaço relativamente exíguo. Desta forma, foi possível coordenar tridimensionalmente todos os materiais com maior facilidade. O procedimento de escavar com tecos (já que os colherins eram demasiado grandes) tornou-se, no entanto, bastante lento, apesar de termos em contrapartida recolhido quase todo o material *in situ* e não no crivo.

Os achados foram coordenados tridimensionalmente segundo os seguintes critérios:

- 2.2.1. Indústria Lítica, independentemente da sua matéria-prima – indústria sobre seixo; indústria sobre lasca: lascas inteiras; lâminas, lamelas (mesmo que fragmentadas), geométrico, pontas de seta;
- 2.2.2. Fragmentos cerâmicos: bordos, fundos, perfis inteiros, bojo com aplicação plástica;
- 2.2.3. Indústria óssea: tudo;
- 2.2.4. Arte móvel: tudo;
- 2.2.5. Ossos Humanos: tudo, à excepção de esquirolas de osso longo indeterminadas;
- 2.2.6. Fauna: tudo. Dependendo do porte dos animais, isto é, acima de coelho (este incluído). A microfauna foi recolhida no crivo;
- 2.2.7. Adornos: tudo;
- 2.2.8. Metal: tudo.

Foram ainda elaboradas plantas gerais e perfis de pormenor e plantas e perfis de dispersão de artefactos e ecofactos exumados.

Os achados não coordenados ou recolhidos no crivo foram numerados enquanto material sem coordenação, em gabinete, sendo individualizados por quadrículas. Muito embora não se tenham obtido as coordenadas X e Y foi possível obter a sua cota real a partir dos dados da microtopografia dos níveis artificiais.

3.4. Estratigrafia

Camada A - Camada de sedimento areno-siltoso, parcialmente pulverulento. Potência estratigráfica variável entre os 5 cm e os 50 cm (embora ainda não esteja escavada na sua totalidade). Corresponde à zona da “zona sepulcral 2”. Cor a olho nu acinzentada-amarelada. Classificação de cor segundo o Código de Cailleux – L73.

Camada B - Camada parcialmente brechificada, plena de precipitação de carbonato de cálcio. Sedimento argiloso muito concrecionado. A potência estratigráfica varia entre os 5cm e os 20 cm. Camada que envolve ossos humanos. Corresponde à “zona sepulcral 1”. Cor a olho nu – Castanho-claro-alaranjado. Classificação de cor pelo Código Cailleux M 69.

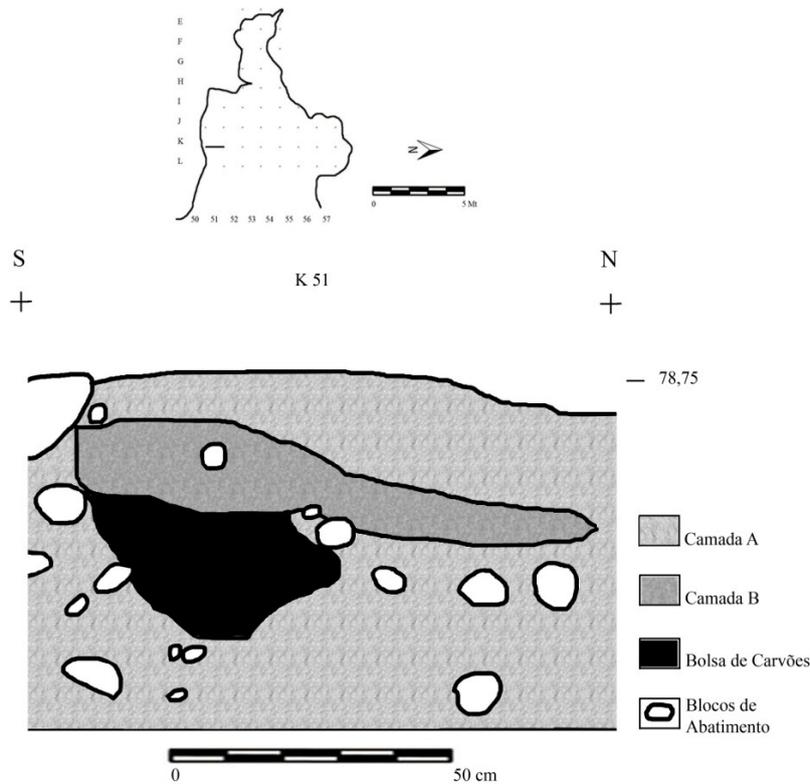


Figura 6: Perfil Este do quadrado K51. Fonte: CPH

Podemos, de forma resumida, relatar os vários momentos de sedimentação desta cavidade da seguinte forma (vd. Figura 7):

- 3.4.1. Momento 4 - Formação do manto estalagmítico, que pensamos tenha tido o seu início nos primórdios do Holocénico;
- 3.4.2. Momento 3 – Deposição de sedimentos que formam a camada B e respectiva ocupação tumular, que corresponderá pelos materiais recolhidos em contexto, ao Neo-Calcolítico;
- 3.4.3. Momento 2 – Nível de abatimento de blocos possuindo variadas dimensões, que se localiza em toda a área disponível da cavidade;
- 3.4.4. Momento 1 – Deposição dos sedimentos mais recentes que correspondem à camada A, de formação posterior, provavelmente contemporâneos do Calcolítico Final - Idade do Bronze Pleno.

3.5. Estruturas

Apesar de existirem alguns blocos de abatimento que embalam o sedimento, não foi definida qualquer estrutura pétreia. Pensamos que foi aberto um covacho nos sedimentos de cada vez que se pretendia enterrar um defunto, surgindo assim os ossos sem conexão anatómica e sem qualquer tipo de estratigrafia óssea. Descartamos a possibilidade de se tratar de um ossuário de segunda inumação uma vez que surgem ossos que muito raramente são identificados em situações análogas. Dá a ideia de que os cadáveres

eram apenas colocados sobre o sedimento (assim como material votivo) sem qualquer preparação do corpo. A dar força a esta hipótese surgem ossos como o sesamóide e o piciforme que são de tamanho mínimo e que não apareceriam em caso de transladação dos ossos. Assim, sem surgirem estruturas pétreas consolidadas e sem planta, surge-nos uma zona de enterramento (cuja planta e área ainda não estão completamente definidas) à semelhança da zona de enterramento da camada C da Gruta do Cadaval.

3.6. Achados

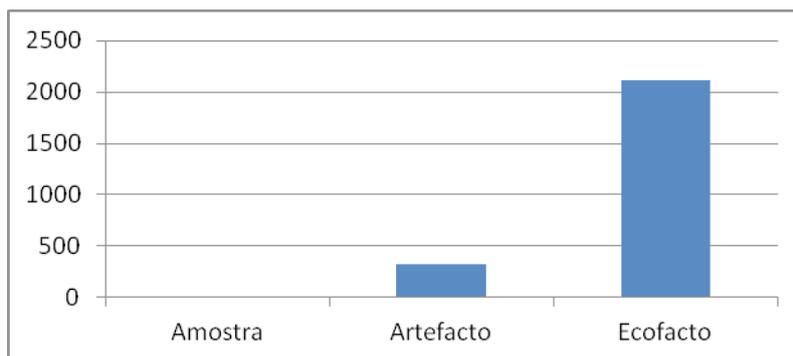


Gráfico 1: Frequência de Achados

Na campanha de 2012 foram exumados no total 13% de artefactos e 87% de ecofactos (vd. Gráfico 1). Quanto às amostras elas são representadas por 0% uma vez que a quantidade de recolhas se reduz ao número de 6.

3.6.1. Espólio Osteológico Humano

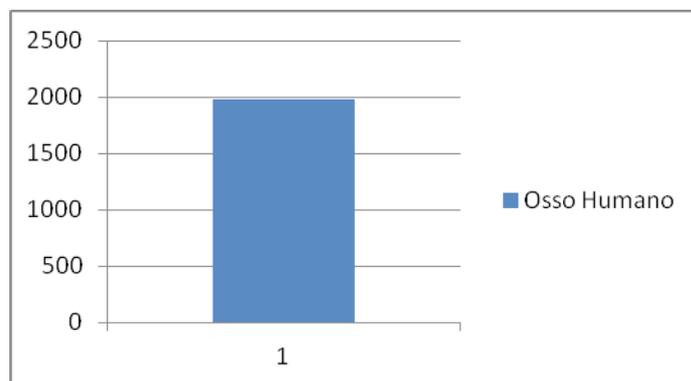


Gráfico 2: Frequência de Ossos Humanos

Quanto à categoria dos Ossos Humanos exumaram-se 1.980 ossos, embora os mesmos nem sempre surgissem completos (vd. Gráfico 2).

Recuperaram-se da área intervencionada (“zona sepulcral 1” e zona sepulcral 2 “) diversos fragmentos ósseos (com excepção de uma tíbia), alguns ossos de menor dimensão (falanges, ossos do carpo e do tarso) e um número considerável de dentes. Das peças ósseas recuperadas não foram detectadas articulações *in situ*, mas sim um conjunto de ossos desarticulados. Por isso, podemos hipoteticamente afirmar que não é demonstrado que tenha havido uma selecção de peças ósseas, uma vez que se encontrou todo tipo de ossos pertencentes a vários indivíduos. Também se constatou que não houve qualquer categorização nas deposições entre adultos e não-adultos. Esta desorganização poderá

estar na origem da reorganização do espaço funerário, em conformidade com a necessidade de criar espaço para outras deposições (Carvalho, Antunes-Ferreira e Valente, 2003).

Relativamente às alterações tafonómicas não se registaram alterações ósseas associáveis a actividades faunísticas. Contudo, as alterações tafonómicas de origem vegetal, nomeadamente as derivadas da segregação de ácidos pelas raízes, foram identificadas, sobretudo, em ossos longos (vd. Figura 7).



Figura 7: Fragmento de osso longo com raízes.

Muitos ossos (sobretudo os longos) e dentes apresentavam uma espessa camada de carbonato de cálcio que apesar de cobrir o perióstio do osso, dificultando a sua análise, tem a vantagem de conservar o tecido ósseo. (vd. Figuras 8 e 9).



Figura 8: Fragmento de osso longo com depósito de cálcio.



Figura 9: Dente com depósito de cálcio.

Porém, em contextos funerários com ossos recuperados sem qualquer conexão anatómica, a estimativa do número mínimo de indivíduos (NMI) pode constituir uma tarefa complexa, sobretudo quando o material ósseo está muito fragmentado (Silva, 2000; 2002). Por isso, para uma melhor precisão deste cálculo e por forma a chegar ao valor mais aproximado do real procedeu-se à contabilização dos diferentes tipos de ossos e respectivos fragmentos. Assim, a análise da representatividade óssea revelou que os ossos do carpo estão entre os elementos mais bem representados. Por outro lado, ao olharmos

para elementos menos representados encontramos a maioria dos ossos do tarso, vários ossos longos, metacarpianos e metatársicos abaixo das 10 unidades (< 45%). Com base nos restos osteológicos o *Número Mínimo de Indivíduos* (NMI) registado é de 23 adultos, representados pelo escafoide esquerdo. Em relação aos não-adultos, a análise dos restos ósseos sugere, à primeira vista, um número mínimo de 4 indivíduos.

No entanto, devido ao estado de fragmentação do material esquelético, a análise paleopatológica preliminar sofreu vários constrangimentos, principalmente em relação ao estudo da patologia degenerativa articular, uma vez que foram poucas as zonas articulares preservadas. Mesmo assim detectaram-se algumas situações de artrose de grau 1 e 2, nomeadamente em falanges das mãos e dos pés (vd. Figura 10). A artrose, definida como uma artropatia crónica, que consiste na destruição gradual da cartilagem e das superfícies articulares do osso como consequência de um *stress* mecânico prolongado. A idade, a predisposição genética, tipo de vida e factores ambientais do indivíduo também são factores importantes no desenvolvimento desta patologia (Jiménez e Botella, 1993; Jurmain, 1980; Zimmerman e Kelly, 1982).



Figura 10: Falange distal do pé com artroses.

Na Gruta do Morgado Superior, no geral, as lesões entesopáticas não são muito frequentes no esqueleto axial, coluna vertebral (embora o número de vértebras recuperadas seja muito reduzido). Ao nível apendicular há uma maior incidência nos membros inferiores. Detectando-se entesopatias nas patelas (ossificação do ligamento rotuliano e quadrilátero; vd. Figura 11), nos calcâneos (tendão de Aquiles) e nas falanges intermédias das mãos (Almeida, 2013).



Figura 11: Lesões entesopáticas no ligamento rotuliano e quadrilátero da patela.

Quanto à patologia traumática observou-se num metatarso do pé direito, um calo ósseo (vd. Figura 12) provavelmente devido a uma fractura ocorrida algum tempo antes da morte do indivíduo, na medida em que o osso se encontra totalmente remodelado (Almeida, 2013).



Figura 12: Metatarso com calo ósseo.

Em relação às doenças orais, a análise foi bastante dificultada devido à quantidade de carbonato de cálcio nos dentes. Porém, dada também a natureza da presente amostra, quase exclusivamente formada por dentes soltos, a doença periodontal não foi avaliada no presente trabalho preliminar devido a escassez de fragmentos maxilares recuperados.



Figura 13: Dentes com cáries

Para a patologia oral, examinada sobre um conjunto de 789 dentes permanentes, identificou-se a cárie (N=25) (vd. Figura 13), o desgaste dentário (N=397) (vd. Figura 14) e o tártaro (N=43) (vd. Figura 15). Registaram-se cáries principalmente em molares e nos pré-molares. O desgaste dentário é, em média, moderado e moderado-baixo. O tártaro, por seu lado, está presente sobretudo nos incisivos (Almeida, 2013). Apesar das limitações desta amostra, as elevadas percentagens de desgaste dentário e a baixa incidência de cárie observadas indiciam que os indivíduos analisados poderiam ter tido uma dieta constituída por partículas duras e abrasivas (Almeida, 2013).



Figura 14: Dentes com elevado desgaste dentário.



Figura 15: Dentes com depósito de tártaro.

3.6.2. Espólio de Fauna, Microfauna, Antracologia, Carpologia, Entomologia

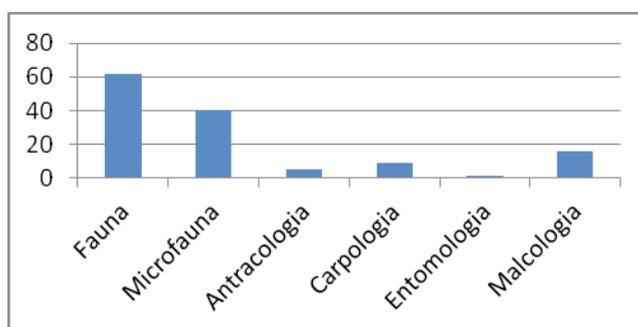


Gráfico 3: Frequência de Espólio de Fauna, Microfauna, Antracologia, Carpologia, Entomologia

Relativamente às categorias referentes a este ponto (vd. Gráfico 3) deveremos destacar uma frequência de 46% para a fauna (compreendendo-se como fauna todo o animal com porte igual ou superior ao coelho). Dos restos ósseos parece-nos haver uma frequência de oviceprinos e de suídeos, mas apenas um estudo faunístico apurado nos poderá dar resultados mais fiáveis. Foi ainda determinado 30% para a microfauna, 12% para a malacologia, 7% para a carpologia, 4% para antracologia e 1% para entomologia.

3.6.3. Adornos

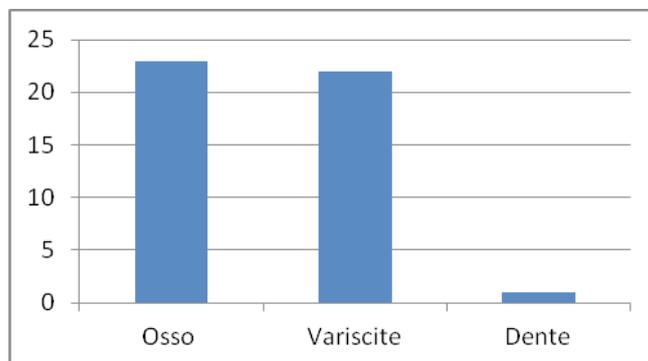


Gráfico 4: Frequência de matéria-prima dos adornos

Relativamente à categoria dos Adornos (vd. Gráfico 4) exumaram-se 47 unidades, distribuídas em 50% de contas de colar circular-discóide em osso, 48% de contas de colar

circular-discóide em pedra de cor verde, 2% correspondente a um pendente com perfuração circular em dente. Há ainda a salientar uma cabeça de alfinete de cabelo amovível canelada (fragmentada) e seu respectivo alfinete fragmentado e um anel em osso, polido e fragmentado (recuperado em 1988).

3.6.4. Indústria Lítica

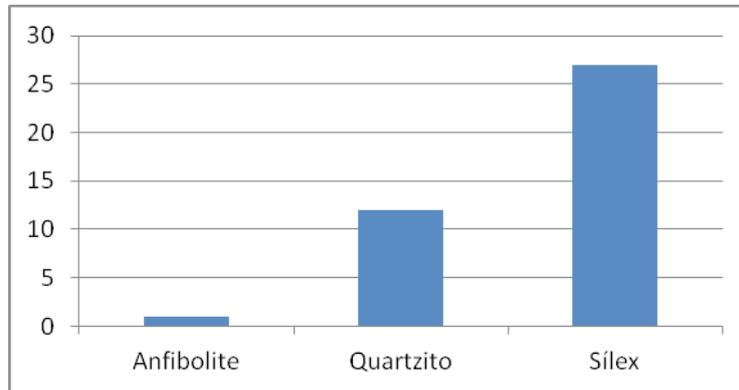


Gráfico 5: Frequência de matéria-prima da indústria l

Relativamente à matéria-prima dos artefactos líticos exumados (vd. Gráfico 5) a análise dos mesmos resultou numa frequência de 68% para o sílex, 30% para o quartzito e 2% para o anfibolito.

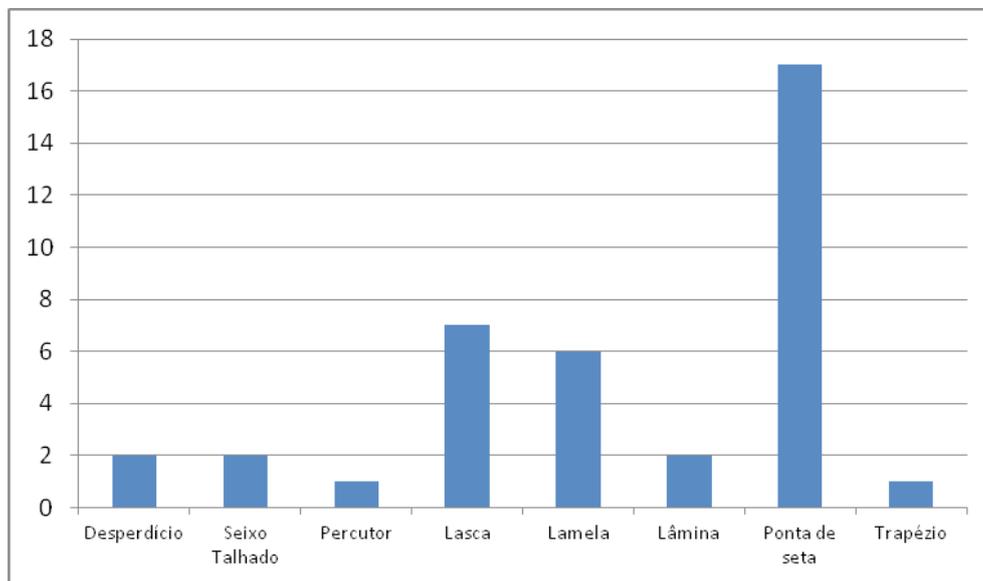


Gráfico 6: Frequência de Tipos de Indústria Lítica

Percentualmente podemos adiantar (vd. Gráfico 6) que a percentagem de maior relevo é atribuída às pontas de seta em sílex com 45%, seguindo-se as lascas em quartzito com 18%, as lamelas em sílex com 16%, as lâminas em sílex, os seixos talhados e o desperdício com 5%, o percutor em quartzito e o trapézio em sílex com 3%.

Relativamente às lascas podemos dizer que são produto de talhe unifacial, muito embora as lascas em sílex evidenciem talhe bifacial.

3.6.5. Cerâmica

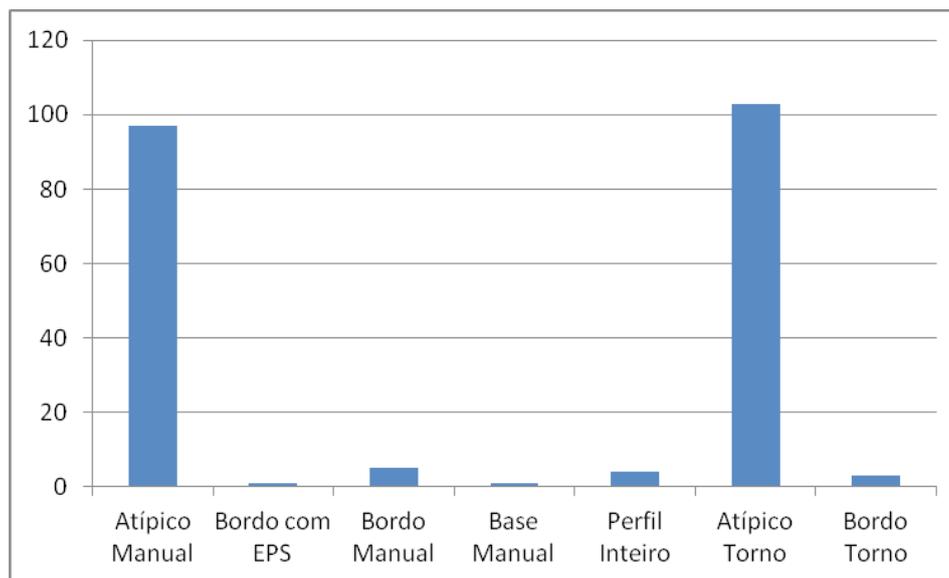


Gráfico 7: Frequência de Tipos de Cerâmica

Quanto aos objectos cerâmicos (vd. Gráfico 7) deveremos seriá-los em dois tipos: o tipo das cerâmicas manuais e o tipo das cerâmicas de fabrico de torno rápido. Para as formas atípicas de torno rápido observámos uma frequência de 48%, enquanto que para as formas atípicas manuais obtivemos um resultado de 45%. Os bordos manuais e os fragmentos com perfil inteiro constam de 2%. A base manual, o bordo com elemento de preensão e suspensão e o borno fabricado a torno resultam em 1%.

Relativamente aos materiais cerâmicos manuais e, em termos de cadeias operatórias, deveremos salientar, para além do seu fabrico, que as superfícies internas e externas, bem como o cerne, se apresentam do ponto de vista da atmosfera de cozedura, como extremamente irregulares, sendo bastante difícil estabelecer em que casos se deveria aplicar os termos “oxidante” ou “reductor”. Existe, no entanto, uma excepção relativamente aos fragmentos que possuíam perfil completo. Trata-se de fragmentos de carena baixa com base aplanada que poderiam ter acompanhado a deposição da ponta de seta de cobre arsenical. A tipologia das formas de carena baixa, indica paralelos com contextos de transição entre Calcolítico e Idade do Bronze Pleno, nomeadamente do Horizonte da Ferradeira (Cardoso 2002: 321) entre o Calcolítico e o Bronze do Sudoeste I, ao Sul do Tejo, e de Montelavar, entre o Calcolítico e o Bronze Pleno ao Norte do Tejo (Cardoso 2012a). Mas também, nos casos de carenas muito mais marcadas, com contextos já plenamente da Idade do Bronze (como o horizonte da Atalaia no Bronze do Sudoeste I). De assinalar ainda a percentagem de bordos cerâmicos que indiciam diâmetros bastante elevados, sendo portanto, estes recipientes comparáveis aos recipientes quer da camada C, quer da camada D da Gruta do Cadaval.

3.6.6. Indústria Óssea

Os achados desta categoria presentes exprimem-se num pequeno furador polido em osso e numa espátula polida.

3.6.7. Arte Móvel

Recuperou-se uma minúscula estatueta zoomórfica, considerada por João Luís Cardoso (2000: 182-3) como “estatueta de lagomorfo” talhada sobre osso e um pequeno ídolo almeriense também esculpido em osso

3.6.8. Metal

Uma ponta de seta (julgamos que em cobre arsenical) do tipo “espigão e barbelas”, com espigão em perfeita forma de losango e barbelas bastante evolucionadas.

As pontas de seta desta tipologia encontram-se em quantidade no Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior) e as variedades achadas neste sítio são indicativas de uma cronologia que abrange toda a Idade do Bronze (Cardoso 2000: 335).

Variedades do tipo “ de espigão e barbelas” encontram-se também em diversos sítios espanhóis, mais precisamente no sítio do El Acequión (Albacete), juntamente com outros metais entre os quais se destacam punhais, machados planos e minerais de cobre arsenical. Uma ponta de seta muito semelhante à da Gruta do Morgado, de cobre arsenical e atribuída a Idade do Bronze Antigo encontra-se na descrição dos autores Rovira Llorens, Montero Ruiz, Consuegra Rodriguez (1997: 19-20). A funcionalidade de pontas deste tipo, especialmente as da variante com barbelas evolucionadas, pode ser especificamente para combate: de facto as barbelas, uma vez a ponta penetrada num corpo, podem provocar ainda mais danos quando se tenta extraí-las.

3.7. Considerações Comparadas

A partir do estudo de grutas do vale do Nabão, particularmente da Gruta do Caldeirão e do seu fóssil-director, o vaso de cerâmica decorada de impressão cardial, João Zilhão adoptou na década de 1990 uma premissa generalizada ao território de Portugal. Para este autor, a introdução no nosso território do modo de produção neolítico, isto é, domesticação de plantas e animais, deveu-se necessariamente a *pequenos grupos implantados na região do maciço calcário da Estremadura*, que após várias gerações, interagiram com as comunidades mesolíticas localizadas na zona inferior do estuário do rio Tejo. Esta interação de comunidades terá dado origem à expansão, através do interior do nosso território, deste novo modo de produção.

Assim, o *enclave neolítico estremenho* implicou a corrente a favor da *colonização pioneira* que pouco mais tarde se terá expandido para o Alentejo e Algarve (Cardoso, 2006: 123).

O *modelo de colonização pioneira marítima* enquadra os primeiros agricultores-pastores neolíticos na chegada às costas da Península Ibérica (Mediterrâneo e Atlântico) em cerca do VII milénio BP, (Budja, 2005: 122). O Neolítico cardial estaria concentrado no interior do Maciço Calcário Estremenho, onde está situada a Gruta do Caldeirão, sendo assim segregado num qualquer tipo de enclave onde arqueograficamente se desconhecem sinais dos grupos mesolíticos endógenos, por um lado, e, por outro, teríamos as comunidades que habitavam os concheiros explorando os territórios nos arredores dos grandes estuários do Tejo, Sado e Mira.

Desta forma, Zilhão opta por estabelecer um modelo onde as comunidades neolíticas chegadas de novo se estabelecem em zonas marginais às exploradas pelos caçadores-recolectores autóctones, muito embora contemple uma parcela de assimilações locais, destas inovações inéditas, pelas próprias comunidades mesolíticas locais (Zilhão, 1993: 50; 1997: 19-42).

Zilhão estabelece ainda comparações entre os elementos do Mesolítico de Muge e os dados obtidos na Gruta do Caldeirão (as camadas arqueológicas Eb e Ea) para reforçar a ruptura na passagem do Mesolítico para o Neolítico do ponto de vista da economia praticada, da cultura material e das práticas funerárias e para argumentar no sentido de que estamos perante um processo rápido com a introdução directa do pacote neolítico, que apenas se pode explicar: Através de processos de colonização pioneira promovidos por grupos neolíticos oriundos das regiões vizinhas do Mediterrâneo espanhol (Zilhão, 1998: 40).

No que concerne esta temática, Luiz Oosterbeek defendeu um modelo de evolução multilinear, em que a reciprocidade dos grupos sugere *uma Neolitização por capilaridade* (Oosterbeek, 1999: 22).

Este autor defende ainda que se pode inferir que a neolitização se realizou num processo sem descontinuidades pontuado por variados *mecanismos de articulação* intergrupais, sem menosprezar os elementos que compõem o pacote neolítico. Este é um processo em que as inovações poderiam ter sido aceites de forma selectiva ou socialmente impostas (Oosterbeek, 1999:22).

Relativamente aos momentos de média ou curta duração argumenta que a *ausência do modelo aldeão* prova que a neolitização se terá feito de forma progressiva no Alto Ribatejo, considerando que a necessária fixação à terra, por parte dos grupos humanos se terá revelado num tempo lento e demorado que sofreu resistências por parte de algumas comunidades no qual o equilíbrio entre os processos de *diferenciação* e de *conservação* seria instável (Oosterbeek, 1999: 23).

Anteriormente L. Oosterbeek (1994) havia desenvolvido cinco hipóteses de modelos explicativos (com vários estádios cada um) sobre o comportamento humano neste período de transição, num âmbito regional.

O primeiro desses modelos, apelidado de *modelo difusionista linear* toma em linha de conta o resultado de influências externas que, muito provavelmente, interagindo com as comunidades locais e com as suas próprias tradições, explicam uma variabilidade de acomodação diferencial a estas influências exógenas (Oosterbeek, 1994: 241-245).

Já o segundo modelo, o *modelo evolucionista linear*, ao pressupor o estabelecimento dos dados de forma linear é contraposto claramente ao modelo difusionista determinista com base na perspectiva endógena dos grupos humanos. Com o objectivo de esclarecer este modelo, apresenta e esclarece dois conceitos básicos a esta explicação, são eles o princípio do *finalismo* e o da *convergência*. Ao explicar a *evolução* das sociedades como o resultado conclusivo de estrangimentos ambientais e naturais elas tornam-se como entidades *para-orgânicas* que funcionam através de mecanismos de *melhoramento*, *sucesso* e *desenvolvimento de complexidade*.

Este modelo fundamenta-se ainda na convergência de padrões sociais que são estruturalmente semelhantes, e na assimilação diferencial (que não implica necessariamente aculturação) de estímulos exógenos. Assim, a variabilidade local ou regional assume-se como uma evidência de evolução endógena embora admita contactos a longa distância (Oosterbeek, 1994: 246-249).

O *modelo difusionista bilinear* pretende partir do princípio da aceitação da existência de duas realidades tradicionais diversas entre si, utilizando como princípio para o processo de neolitização o da *acomodação diferencial* das novidades externas, combinando esse factor com um fenómeno de interação entre as duas realidades tradicionais. Nesta óptica ter-se-á que considerar o Mediterrâneo Ocidental como a génese exógena do universo neolítico (Oosterbeek, 1994: 249-252).

O *modelo evolucionista bilinear* entende viável a combinação dos aspectos conceptuais da *convergência* e *assimilação* aceitando a coexistência das duas realidades tradicionais

já apresentadas no modelo anterior, limitando a influência da componente ocidental a uma *origem remota* (Oosterbeek, 1994: 253-256). Por último, apresenta como hipótese a explorar o modelo *multilinear Centro-Periferia*. O processo de neolitização é um *continuum* que proporciona momentos ou estádios que pressupõem *possíveis passados e futuros*; o processo de neolitização implica a existência de indivíduos que vivem numa realidade estruturada e organizada na qual o conceito de espaço é determinante, não deixando, no entanto, de existir em *tempos e espaços* específicos; o processo de neolitização só pode ser entendido a partir da observação da análise espacial de cada *unidade observável* em cada momento; o processo de neolitização do Alto Ribatejo está indefectivelmente ligado à *rede Mediterrânica*, rede que se vai tornando cada vez mais dinâmica ao longo do tempo; no processo de neolitização essa rede de ligações tornam-se um *sistema em expansão* possuindo um *centro de interacção* cada vez mais imbricado; no processo de neolitização cada momento ou estádio possui apenas um centro de interacção em toda a rede; no processo de neolitização os membros potenciais de *cada rede relacionam-se* com os outros membros (Oosterbeek, 1994: 261).

Dando primazia à introdução de cerâmicas cardiais na Estremadura, João Luís Cardoso refere-se ao *horizonte da Furninha*, como representando uma fase tardia do Neolítico Antigo, já que evidencia ausência de estilística cardinal. Mas, mais do que a estilística, ao fazer o balanço das datações radiométricas situa em meados do VI milénio cal BP o fenómeno cardinal, reconhecendo como mais recente, em cerca de três séculos, as ocupações sem vestígios de cerâmica cardinal (Cardoso, 2006: 11).

A presença de alguns elementos base do pacote neolítico na zona dos Canteirões, em particular a existência do vaso com decoração impressa cardinal, faz-nos supor alguma fragilidade no modelo da colonização por pioneiros, parecendo-nos mais consentâneo o modelo da *disponibilidade* das populações locais em absorver e assimilar determinados itens do pacote neolítico que lhes fossem úteis, sendo outros relegados para segundo plano, imprimindo-se assim um forte dinamismo de aculturação nas populações indígenas (Cruz, 2011: 179).

A discussão destes modelos aplicados ao Alto Ribatejo deriva dos contextos e da leitura comparativa entre os materiais recuperados nas cinco cavidades da zona dos Canteirões do rio Nabão. Os dados cronológicos mais antigos associáveis a estes contextos de inumação prendem-se com as primeiras sociedades camponesas que persistem no tempo adoptando novas identidades culturais mantendo a tradição da inumação nesta região e nestas cavidades. Por isso, importa discutir os diferentes contextos de cada cavidade em conexão com as cavidades situadas na mesma área geográfica e os seus respectivos períodos cronológicos.

A ocupação Neolítica da Gruta de N.^a Sr.^a das Lapas foi identificada a partir da escavação de um enterramento em estrutura circular delimitada por blocos de calcário, na base da escavação da arquitectura, destacando-se duas sepulturas individuais, ambas datadas por radiocarbono. A associação entre artefactos e tumulações foi feita por afinidade tipológica com materiais bem caracterizados estratigraficamente em outros sítios da região. As contas de *Glycymeris* foram associadas ao Neolítico Antigo (por afinidade com a Gruta do Caldeirão), e o vaso esférico alisado foi associado à sepultura Neolítica em fossa da camada D da Gruta do Cadaval, cujas datações absolutas são estatisticamente idênticas à data obtida para essa sepultura. Em contexto estratigráfico, as contas discóides, ainda que sobre um suporte diverso, são conhecidas nos estratos do Neolítico Antigo e Médio das grutas do Caldeirão e Cadaval. As contas de *Theodoxus fluviatilis*, L. ocorrem nesses mesmos estratos, enquanto as de *Glycymeris glycymeris*, L. foram registadas no Neolítico Antigo da Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992). Na camada B da Gruta de N.^a Sr.^a das Lapas

evidencia-se ainda uma sepultura individual em fossa, do Neolítico, V milénio, e na sua base observou-se uma sepultura individual delimitada por blocos, atribuída ao Neolítico Inicial Evoluído. Os ossos humanos, submetidos a análise radiocarbónica, situam este horizonte no VI milénio. Quanto à indústria lítica, observou-se um predomínio de instrumentos em sílex, tais como raspadores, buris, pontas sobre lasca, lâminas, lamelas e ocasionalmente núcleos *languedocenses*, mais precisamente indústrias macrolíticas Holocénicas, similares à indústria exumada da Pedra da Encavalada, do Povoado de Fontes e do Povoado da Amoreira (Cruz, 2011), sítios localizados no Maciço Hespérico, já na bacia hidrográfica do rio Zêzere. A ocupação mais recente, classificada como Campaniforme, foi definida com critérios tipológicos (cerâmica de decoração Campaniforme e machado plano de cobre). Trata-se de materiais de transição entre o III e o II milénio a.C., com a particularidade de o padrão decorativo campaniforme surgir em recipientes do Povoado da Fonte Quente (localizado a cerca de 10km a jusante do rio Nabão), cujas pastas e técnicas de cozedura se revelaram semelhantes às desta gruta. Os materiais permitem-nos definir uma provável tumulação colectiva remexida, cuja localização original se situaria a Noroeste da sondagem, junto à parede (zona de grandes tocas de raposas ou texugos), atribuível ao Calcolítico em função da associação com o tipo de tumulação. A cerâmica linear-pontilhada deste sítio assemelha-se à que foi reconhecida na muralha 2 do Povoado da Fonte Quente, a cerca de 10km a Sul, e o machado plano de cobre não encontra paralelos no Alto Ribatejo (Cruz e Oosterbeek, 1985; Oosterbeek, 1994).

Já a Gruta do Cadaval forneceu datações que apontam para uma ocupação em necrópole que medeia o V e o IV milénio. Esta cavidade permitiu a reconstituição de 19 momentos, compostos por fases de abatimentos de blocos e de ocupação humana, sendo a natureza das ocupações resumida da seguinte forma: camada Fb – habitat (restos de “cozinha”); camada D – tumulação individual; camada C – necrópoles (tumulação colectiva); camada B – estrutura de combustão e camada A3 - acampamentos esporádicos. É ainda de salientar que as necrópoles eram embaladas em depósito areno-argiloso, encerrando duas tumulações individuais, uma em cada sala (camada D) e depósito argilo-siltoso, envolvendo necrópoles colectivas nas salas 1 e 2 (camada C). O espólio recolhido consta de cerâmicas lisas, do tipo esférico alto, de cerâmicas com decoração incisa, plástica e puncionada, machados, enxós e goivas, totalmente polidos, micrólitos trapezoidais de base menor retocada, indústria óssea e objectos de adorno (Cruz e Oosterbeek, 1985; Oosterbeek, 1994).

A Gruta dos Ossos apresenta-se como um ossuário do Neolítico Final observando-se a “arrumação” semi-circular de crânios no sector SW (quadrado 8VI). A camada 1 corresponde ao nível de deposição dos crânios no ossuário, podendo observar-se no perfil alguns fragmentos de calote de um crânio fragmentado *in situ* no quadrado 7VIII. A camada 2 corresponde ao nível de deposição dos ossos longos, apresenta cor e estrutura similares à anterior e textura margo-arenoargilosa. Ainda com a mesma matriz e cor, envolve pequenos calhaus e blocos raros, encerrando os ossos longos do ossuário (tendencialmente os ossos das pernas na base e os dos braços no topo). É atravessada por um cone de abatimento (cujo topo se encontra envolvido já pela camada 1). Ocasionalmente, foi afectada por fenómenos de dissolução química, que lhe emprestaram uma cor esbranquiçada. A camada 3 encerra alguns fragmentos de cerâmica e esquirolas de sílex. Na base desta sequência estratigráfica óssea, aflora um horizonte de blocos médios de abatimento, que não foram levantados, dado a natureza e condições da sondagem; é um depósito de blocos, sobre os quais assentavam os ossos da bacia (1 sacro e diversos ilíacos). A camada 4 é um depósito esbranquiçado homogéneo, pouco compacto; a cor esbranquiçada resulta da dissolução dos carbonatos de cálcio, o que afectou o depósito, e desenvolve-se sobre o

manto estalagmítico, encerrando vestígios das primeiras inumações (ossos em conexão anatómica, no quadrado 10XI). Os artefactos presentes consistiam em indústria lítica e óssea, fragmentos de cerâmica e alguns ornamentos. A indústria lítica é composta por pontas sobre lasca, lâminas, lamelas, entalhes, um buril, raspadores, um machado de pedra polida, micrólitos e ocasionais núcleos macrolíticos. As datações forneceram-nos um tempo de ocupação de necrópole que medeia o IV e o III milénio.

A presença de ossos humanos num contexto arqueologicamente homogéneo (camada B) justifica a caracterização da Gruta do Morgado Superior como necrópole, após a curta campanha de sondagem realizada em 1988. A cerâmica incisa tem bons paralelos na camada C da Gruta do Cadaval. As lâminas, lamelas e contas de colar discóides ocorrem nas vizinhas grutas do Cadaval (camada C) e dos Ossos (camada I – III). A camada B, mais consolidada, possuía cerca de 30cm de espessura e encerrava enterramentos pré-históricos. Estava parcialmente assente sobre um manto estalagmítico e foi classificada em termos de cronologia relativa como pertencente ao Neolítico Final-Calcolítico. Nesta camada foram recolhidos ossos humanos, lâminas, lamelas, um polidor, cerâmica lisa e incisa e contas discóides em osso; de todo este material exumado destaca-se um anel de osso fragmentado. A cerâmica incisa tem paralelos na camada C da Gruta do Cadaval. Nestes termos, o conjunto é associável às necrópoles colectivas da Gruta do Cadaval, atribuível ao III milénio (Oosterbeek; 1994).

Neste contexto teórico de dualidade de paradigmas a Gruta do Morgado surge como um elemento que acrescenta dados novos na medida em que sublinha esse *continuum* do processo de neolitização que não ocorreu de forma estanque, mas sim dinâmica e se prolonga num tempo que classificamos como Neo-Calcolítico.

De todas as grutas localizadas nos Canteirões do Nabão, a Gruta do Morgado apresentava-se em 1988 como a mais pobre, quer em termos de artefactos, quer ainda em termos ecofactos. No entanto, tal visão tornou-se completamente diferente uma vez que nesta intervenção foi possível, em escassos metros quadrados, exumar uma grande quantidade de espólio osteológico humano e uma variedade de artefactos.

O espólio exumado consta de uma panóplia de materiais típicos do Neolítico final/Calcolítico inicial e está sensivelmente em consonância com as ocupações funerárias das grutas suas vizinhas.

No que respeita ao espólio cerâmico diríamos que ele se assemelha em muito ao espólio exumado na Gruta do Cadaval, nas suas camadas C e D (esta última camada arqueológica corresponde ao Neolítico Médio), com recipientes de diâmetro bastante grande (Oosterbeek, 1985). De assinalar, contudo, que não exumámos nesta campanha qualquer fragmento cerâmico com decoração.

Deveremos antes de mais sublinhar as novidades para esta zona que tornam único este sítio.

As pontas de seta em sílex surgem como únicas, nesta área compreendida pelo meandro, juntamente com as que surgem de tipologia diversa nas camadas pós-neolíticas da Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992: 111). Será o caso de termos uma visão um pouco mais ampla desta pequena região e compará-la não só com as grutas suas congéneres na Estremadura portuguesa, como por exemplo Lugar do Canto (Ferreira e Leitão, 1981), a Lapa da Galinha e a Lapa dos Carrascos (Gonçalves, 1978), como também ligá-la ao megalitismo funerário implantado no Maciço Hespérico (Oosterbeek, 1994). Logo, podemos fazer uma analogia com a camada B da Anta 1 de Val da Laje (datada do Neo-Calcolítico), localizada ainda no concelho de Tomar, mas já tocada pela bacia hidrográfica do rio Zêzere, onde foram também exumadas pontas de seta em sílex com tipologias semelhantes às do Morgado. Surge-nos, neste capítulo, então, uma perspectiva de relacionamento não só com

as cavidades cársticas da Estremadura mas também uma relação, talvez umbilical, com o megalitismo do vale do baixo Zêzere, num universo já padronizado e onde a produção de artefactos cumpria um determinado número de normas prescritas (Cruz, 2011), o que significa que também a área dos Canteirões do Nabão foi envolvida no processo de convergência entre a tradição de grutas e a tradição megalítica, que já havia sido registada noutras áreas da região calcária, como em Alvaiázere ou em Torres Novas.

Nesta cavidade é assinalável a presença de uma pequena estatueta zoomórfica com cerca de 2 centímetros de comprimento, 1,5 centímetros de largura e 0,65 centímetros de espessura. Segundo J. L. Cardoso estas estatuetas são amuletos do Neolítico final (2000: 182) correlacionados com a consolidação do sistema agro-pastoril, constituindo-se como símbolos de fertilidade. É possível referenciar através de O. Da Veiga Ferreira (1970: 168-70) a existência de outros paralelos zoomórficos na Estremadura portuguesa, provenientes da colecção de Manuel Heleno. Encontram-se outras estatuetas similares nas Gruta da Galinha, Lapa do Suão, Cova da Moura, Cabeço da Arruda, Gruta da Carrasca, Quinta das Lapas, Castro da Ota, Portalegre, Vila Franca de Xira, Elvas, Monumento de Casainhos, Gruta de Carenque, Monumento das Conchadas, Grutas de Cascais, Montemor-o-Novo, Lapa do Bugio, Anta da Comenda da Igreja e Anta do Olival da Pega (Ferreira, 1970: 168-170).

Ainda de salientar a existência de um ídolo almeriense em osso. Encontramos paralelos para este artefacto considerado como objecto de carácter mágico-simbólico (Cardoso, 1992: 112 e 115) no ídolo almeriense da Lapa do Bugio e na Anta Grande do Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz (Cardoso, 1992: 115; Gonçalves, 2004: 170). Em território espanhol, de onde deriva a sua nomenclatura, vamos também encontrar este tipo de ídolo, como é exemplo, o elemento encontrado no sítio de Canaleja, (Cerrillo-Cuenca, González Cordero; 2011: 35).

Relativamente à cabeça de alfinete canelada vamos observar exemplos semelhantes na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992: 111) e no Monumento da Praia das Maças (Cardoso, 2004: 59).

Passando para uma realidade mais recente, a ponta de seta de espigão e barbelas atribui uma outra deposição nesta área sepulcral correspondente à Idade do Bronze Antigo / Bronze Pleno, à qual poderão ser associados os três fragmentos de cerâmica com perfil inteiro, de carena baixa, exumados muito perto deste achado. É possível encontrar paralelos no contexto funerário do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior), (Cardoso, 2000: 335-6), associando esta gruta às realidades contemporâneas da restante região da Estremadura portuguesa inclusivamente estabelecendo relações com os contextos de povoamento que medeiam o Calcolítico e o final do Bronze Pleno em Portugal, alargando o âmbito das redes de trocas inter-regionais. É importante salientar que o material da Idade do Bronze Antigo da Gruta do Morgado adiciona novo material desta fase cronológica na Região do Alto Ribatejo, até hoje muito pobre de testemunhos da Idade do Bronze que não seja o Bronze Final: de facto o único contexto do Bronze Pleno suficientemente estudado é o povoado permanente com vocação agrícola de Casal da Torre – Torres Novas (Carvalho 1999) e o do Agroal (Lillios 1993). A presença da ponta de seta de tipologia atribuída à Idade do Bronze (Cardoso 2002: 335 e segundo a sua mais recente síntese 2012b) juntamente com variadas formas cerâmicas de carena baixa, atribuídas quer a uma fase de transição entre o Calcolítico e o Bronze Pleno, como no caso do Horizonte de Ferradeira (Cardoso 2002: 321) (estampa 9:2), quer a horizontes de Bronze Pleno, como o da Atalaia (Cardoso 2002: 339) com carena muito mais marcada (estampa 10: 1,2,3; estampa 11: 1), permite-nos com mais segurança atribuir este tipo de ponta de seta às primeiras fases da Idade do Bronze, como é evidente na maioria dos paralelos para o interior da Península Ibérica (Rovira Llorens,

Montero Ruiz, Consuegra Rodriguez 1997: 19-20). É importante salientar que o material da Idade do Bronze Antigo da Gruta do Morgado constitui uma novidade que remete estes contextos para esta fase cronológica na Região do Alto Ribatejo. Assim, na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze, podemos induzir nesta região a existência de uma grande competição pelo controlo dos recursos que desemboca na fissão social a partir do II milénio. Partir-se-á, portanto, do princípio que terá havido uma ocupação de terras habitadas e marginais mas com potencial de caça e agricultura suficiente para desenvolver uma economia especializada de gado e produtos secundários.

Os dados recolhidos na Gruta do Morgado e nas suas grutas congéneres indicariam assim uma descontinuidade nos padrões de povoamento, patente no declínio da área ocupada pelos povoados passando a existir um povoamento disperso e numa substituição de uma economia de largo espectro por um sistema agro-pastoril especializado e intensivo. Estes aspectos reflectem-se na substituição das sepulturas colectivas por sepulturas individuais demonstrando o maior investimento nas áreas de povoamento do que nas áreas de enterramento, onde se percebe uma continuidade a nível de reutilização das mesmas zonas e estruturas.

Para as práticas funerárias da Idade do Bronze, o material encontrado na Gruta do Morgado, embora não muito numeroso, ajuda a completar o panorama que se observa, no Maciço Calcário, com uma continuidade da prática Neo-Calcolítica de enterramento nas grutas. Embora o contexto não esteja em condições de perfeita conservação, permite afirmar com certeza a presença de uma sepultura em contexto primário e, portanto, com dados suficientemente claros para a sua interpretação.

4. A Concluir

Na leitura das datações absolutas disponíveis das camadas antropizadas destas cavidades (vd. Gráfico 8) confirmamos uma continuidade de actividade humana. Registamos uma ocupação contínua nos Canteirões do Nabão entre o VI e o II milénio a. C.

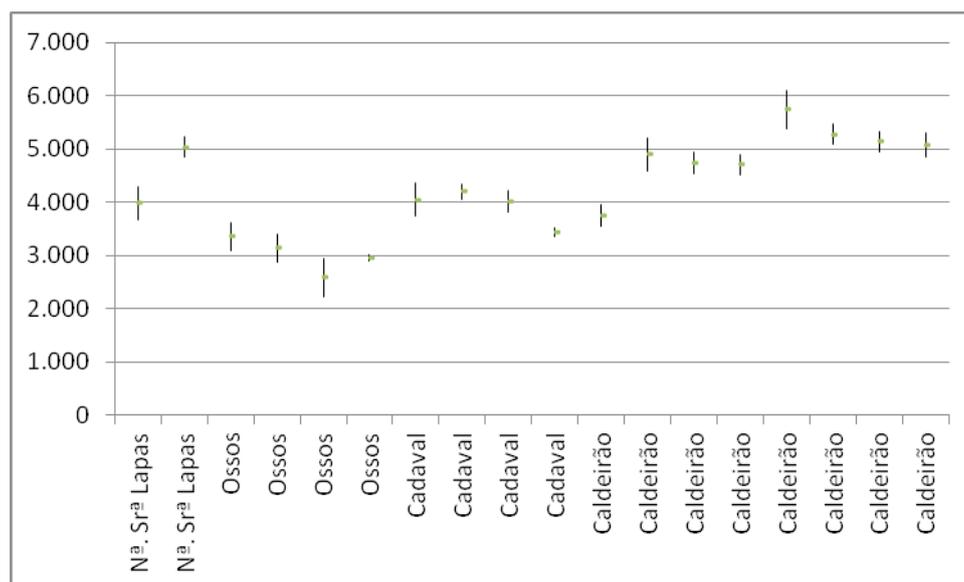


Gráfico 8: Distribuição cronológica das datações de C14

O estudo das alterações do comportamento humano nos alvares do Neolítico e sua consequente continuidade no Calcolítico, passa por escavar e identificar diferenças e semelhanças não só a nível micro (nos Canteirões), mas também a nível intermédio (em áreas geográficas contíguas ao vale do Nabão, como é o caso da Estremadura) e a nível macro (existência de troca de bens a longa distância, como é exemplo o ídolo almeriense), procurando compreender comportamentos ritualizantes perante a morte identificados através dos dados exumados.

Para começar, numa perspectiva ao nível inter-espaco funerário, observamos o impacto dos enterramentos nesta cavidade relativamente às outras escavadas no século passado e constatamos que, do ponto de vista do processo ritual de enterramento, nos surge, com clareza, um comportamento ritualizante que não foi identificado nas outras suas congéneres. É, portanto, um dado comportamental ritual de sublinhar. Esse comportamento é observável com o apoio dos estudos antropológicos que determinaram a evidência de pequenos ossículos do esqueleto, que, se se tratasse de uma deposição secundária, não estariam presentes, providenciando assim enterramentos de cadáveres completos em fossa.

Outra apreciação que deverá ser tida em conta revela-se no contínuo de ocupação funerária. Dado o número de indivíduos enterrados podemos calcular que as tumulações tenham ocorrido de forma sequencial, sempre no mesmo estreito local, ao longo de séculos. Com os dados obtidos até agora, sabemos que as ocupações se prolongam no tempo, desde o Neolítico até aos inícios da Idade do Bronze. Tal significa não só uma apropriação do local de enterramento com repercussões geracionais, como também uma efectiva ocupação do território cársico sob a forma de habitats e povoados.

Outro aspecto a explorar são as relações entre as populações endógenas e o seu comportamento relativamente a adição de “novidades”, tenham elas sido “importadas” por novos grupos “colonizadores” que se estabelecem em territórios “desocupados” ou por movimentos esporádicos num sistema de troca de bens a longa distância e de inovações tecnológicas.

Muito importante é também compreender como as novas tendências são absorvidas, assumidas ou ignoradas.

A Gruta do Morgado Superior contextualiza o resultado de uma transição para o agro-pastoralismo que se consolidou progressivamente no decorrer do tempo, abrindo portas a novas realidades que a investigação incipiente aponta e poderá vir a demonstrar.

A presença de materiais da Idade do Bronze Antigo/Pleno coloca também a questão da continuidade de frequência das grutas no II milénio a.C., bem como a possibilidade de incrementar o conhecimento de materiais metálicos e cerâmicos associados num único contexto, de modo a poder afinar o estabelecimento de uma cronologia relativa para a primeira metade do II milénio. Acresce ainda a novidade de existir enterramento individual reaproveitando a área de tumulação.

5. Bibliografia

- ALMEIDA, F. (2013): *Estudo paleobiológico da população exumada da Gruta do Morgado Superior – Tomar (2012)*, Relatório técnico não publicado.
- BUDJA, M. (2005): “The transition to farming in Mediterranean Europe – an indigenous response”, en *Documenta Praehistorica*, Ljubljana, Department of Archaeology, XXVI, 119-141.
- BUIKSTRA, J. y UBELAKER, D. (eds.) (1994): *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas, Arkansas Archaeological Survey Research Series.
- CARDOSO, J. L. (1981): *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 9/10, 89-225.

- CARDOSO, J.L. (1992): “A Lapa do Bugio”, *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, Assembleia Distrital de Setúbal, Vol. IX-X, 289-225.
- CARDOSO, J.L. (2000): *Pré-História de Portugal*, Lisboa, editorial Verbo.
- CARDOSO, J.L. (2004): “A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: Um ensaio de História Regional”, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, Vol. 12.
- CARDOSO, J. L. (2006): “Lisboa e Estremadura – A Pré-História e a Proto-História”, en Oosterbeek, L., (ed.), *Arkeos 20 – Territórios da Pré-História em Portugal*, Tomar, CEIPHAR, 6,2.
- CARDOSO, J. L. (2012a): “Horizonte de Montelavar”, en Alarcão (J. de), Barroca (M.) (eds) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Lisboa, Figueirinhas, 240.
- CARDOSO, J. L. (2012b): “Idade do Bronze”, en Alarcão (J. de), Barroca (M.) (eds) *Dicionário de Arqueologia Portuguesa*, Lisboa, Figueirinhas, 178.
- CARVALHO, A. F. (1999): “O sítio da “Idade do Bronze Pleno “ do Casal da Torre (Assentiz-Torres Novas)”, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 5, Lisboa, 63-81.
- CARVALHO, A. F.; ANTUNES-FERREIRA, N. y VALENTE, M. J. (2003): “A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 6, 1, 101-119.
- CERRILLO-CUENCA, E; GONZÁLEZ CORDERO, A. (2011): “Burial Prehistoric Caves in the Interior Basin of River Tagus: The Complex at Canaleja Gorge (Romangordo, Caceres, Spain)”, en Bueno, Cerrillo, González (eds), *From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region*, BAR International Series, 2219, 23-42.
- CRUZ, A. (2011): *A Pré-História Recente do vale do baixo Zêzere – Um Olhar Diacrónico*, *Arkeos*, Tomar, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, Vol. 30.
- CRUZ, A.; OOSTERBEEK, L. (1985): “A Gruta do Cadaval: Elementos Para a Pré-História do Vale do Nabão”, *Arqueologia na Região de Tomar*, 1, 61-76.
- FERREIRA, O. Da Veiga (1970): *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série III, vol. 4, 165-173.
- FERREIRA, O. Da Veiga; LEITÃO, M. (1981): *Portugal Pré-Histórico; seu enquadramento no Mediterrâneo*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- GONÇALVES, V. S. (1978): “Para um programa de Estudo do Neolítico em Portugal”, Salamanca, *Zephyrus*, XXVIII-XXVXIX, 147-162.
- HAWKEY, D.E.; MERBS, C.F. (1995): “Activity-induced musculoskeletal stress markers (MSM) and subsistence strategy changes among ancient Hudson Bay Eskimos”, *International Journal of Osteoarchaeology*, 5, 324-338.
- HENDERSON, J. (1987): “Factors determining the state of preservation of human remains”, en Boddington, Garland, Janaway (eds), *Death, Decay and Reconstruction. Approaches to Archaeology and Forensic Science*, Manchester: Manchester University Press, 43–54.
- JIMÉNEZ, S. A.; BOTELLA, M. C. (1993): “Paleopatología infecciosa y paleopatología osteoarticular”, en Campillo, D., (eds.), *Cursintensiu d'introducció a la Paleopatologia*, Barcelona, Museu Arqueològic, 70-76.
- JURMAIN, R. (1980): “The Pattern of Involvement of Apendicular Degenerative Joint Disease”, en *American Journal of Physical Anthropology*, New York, 53, 143-150.
- LILLIOS, K. T. (1991): *Competition to Fission: the Copper to Bronze Age transition in the lowlands of West-Central Portugal (3.000-1.000 B.C.)*, Yale, Yale University (policopiado).
- OOSTERBEEK (1985): “A Facies Megalítica da Gruta do Cadaval (Tomar)”, *Actas da 1ª Reunião do Quaternário Ibérico*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, vol. II.
- OOSTERBEEK, L. (1994): *Echoes from the East: the western network. An insight to unequal and combined development, 7000–2000 BC.*, Londres, University of London. (PhD dissertation; 1-2).

OOSTERBEEK, L. (1995): "Megalitismo e Necropolização no Alto Ribatejo - o III^o milénio. O Megalitismo no Centro de Portugal", *Actas do Seminário*, Mangualde, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 137-49.

OOSTERBEEK, L. (1999): "The Alto Ribatejo and the Neolithisation", *Journal of Iberian Archaeology*, 1, 69-82.

ROVIRA LLORENS, S.; MONTERO RUIZ, I.; CONSUEGRA RODRÍGUEZ, S. (1997): *Las primeras etapas metalúrgicas en la Península Ibérica. I- Análise de Materiales*, Madrid, Instituto Universitario Ortega y Gasset.

SILVA, A. M. (2000): "Inumações colectivas: algumas considerações sobre a respectiva análise paleobiológica", en *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. 9, Porto, ADECAP, 321-328.

SILVA, A. M. (2002): *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico Final/Calcolítico*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biológica, Coimbra, Departamento de Antropologia, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Policopiado.

ZILHÃO, J. C. (1992): *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo, Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, IPAAR, 6.

ZILHÃO, J. (1993): "The spread of agro-pastoral economies across Mediterranean Europe: a view from the Far West", *Journal of Mediterranean Archaeology*, Sheffield, 6: 1, 563.

ZILHÃO, J.C. (1998): "A Passagem do Mesolítico ao Neolítico na Costa do Alentejo", en *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, IPA, 1: 1, 27-44.

ZIMMERMAN, M.; KELLEY, M. (1982): *Atlas of Human Paleopathology*, New York, Praeger Publisher.

Documentos Electrónicos

(<http://www.tecnet.pt/portugal/28779.html>. Consultado em 12.01.2008).

(<http://images.search.conduit.com/w/?q=Portugal+Santar%C3%A9m&ctid=CT3241941&SearchSource=10&FollowOn=true&PageSource=ImagePreview&SSPV=&start=0&pos=5>. Consultado em 06.12.2012).